



**O ATO NARRATIVO EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO
LINGUÍSTICA COM CORPOS DISSIDENTES:
de performa(dor) a performativo**

**NARRATIVE ACT IN LANGUAGE EDUCATION
RESEARCHES WITH DISSIDENT BODIES:
from naming the pain to performativity**

Hélvio Frank

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás,
com estágios de pós-doutorado realizados no PPGLA/UnB e no PPGLL/FL/UEG.

Pesquisador Produtividade do CNPq – Bolsista PQ2.

Docente Adjunto de Linguística da Universidade Estadual de Goiás,
credenciado nos Programas *stricto sensu* PPG-IELT/UEG e POSLLI/UEG.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0553-8075>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1659880507093036>

Contato: helvio.oliveira@ueg.br

Resumo

Concentrando-me na especificidade crítica da narrativa – contar(-se) e dizer(-se) para o mundo como força política, social, relacional, intencional, ideológica e interlocutória –, neste texto discuto o ato narrativo mobilizado entre pessoas, com suas diferenças, circunscrito em relações de poder, observando sua potência sensível, empática, intencional, escutatória etc. para a pesquisa de educação linguística em Linguística Aplicada (Mello et al., 2024; Murphy; Romero; Bengezen, 2024). À luz de uma inseparabilidade entre teoria e metodologia, reflito sobre a aproximação do narrar e da narrativa com corpos da diferença envolvidos em negociação de sentidos experienciais. Para ilustrar a potência de produção e de análise ética desses atos narrativos, parto da visão performativa da linguagem e do gênero, apontando desafios e repertórios potentes de articulação qualitativa para o contar e o contado em pesquisa, o que pode nos servir à desconstrução de modos de fazer ciência nas humanidades, bem como à reflexão sobre a vida social de maneira mais dinâmica.

Palavras-chave: Narrativa; performatividade; corpos dissidentes; ética em pesquisa.

Abstract

This paper examines the critical specificity of narrative practices – telling(-oneself) and saying(-oneself) to people as political, social, relational, intentional, ideological, and interlocutory practices. It focuses on narrative acts as they are enacted among differently positioned subjects within power relations, attending to their affective, empathic, intentional, and listening-oriented potential for qualitative research in language education within Applied Linguistics (Mello et al., 2024; Murphy; Romero; Bengezen, 2024). Grounded in an understanding of the inseparability between theory and method, I reflect on the relationship between narration, narrative, and bodies of difference engaged in the negotiation of experiential meanings. Drawing on a performative perspective on language and gender, the discussion highlights challenges and qualitative analytic repertoires for both the act of telling and the told in narrative inquiry. These repertoires contribute to the ethical production and analysis of narrative data and support the critical examination of dominant epistemological approaches in Applied Linguistics, enabling more dynamic accounts of social life.

Keywords: Narrative; performativity; dissidente bodies; research ethics.

Palavras iniciais

Os últimos anos lidando com pesquisas de educação linguística envolvendo narrativas têm me demonstrado a relevância de atenção às circunstâncias que envolvem todo o processo performativo de contar(-se) para o registro científico, para o pesquisador e para o mundo. Como já discuti em outros estudos (Damasceno; Frank, 2025; Sabota; Frank, 2024; Silva; Frank, 2020; Tavares; Frank, 2024; Utim; Frank; Capparelli, 2023), para considerar a potência qualitativa da narrativa, é necessário trazer o corpo em significado e situado dentro das práticas a serem desveladas. Assim, narrar assume o compromisso de enxergar a relevância corpolítica em atos de pesquisa, uma vez que o relato que se busca geralmente insurge de corpos socialmente em disputa, produzindo efeitos de sentidos relevantes na interpretação analítica que se pretende.

A perspectiva corpolítica é inevitavelmente performativa, porque questões de linguagem, gênero e sexualidade, que frequentemente emergem das práticas sociais, não podem ser negadas ou tratadas como imparciais, mas devidamente qualificadas em suas condições de produção, cumprindo com um caráter localizado e corporificado (Frank; Ramos-Soares; Utim, no prelo). Contra uma racionalidade científica que evita o corpo e o sentir, em detrimento do pensar, neste capítulo discuto o ato narrativo mobilizado entre pessoas, com suas diferenças, circunscrito em relações de poder, observando sua potência sensível, empática, intencional, escutatória etc. para pesquisas de educação linguística (Mello et al., 2024; Murphy; Romero; Bengezen, 2024).

Em termos de reflexões metodológicas, já evidenciei como a matriz cisheterossexual é uma norma hegemônica reguladora das Ciências Humanas, a qual, por sua vez, não se aproxima do corpo, por princípios de homogeneização do pensamento (Frank; Ramos-Soares; Utim, no prelo). No entanto é urgente escutar, considerar e validar a diferença em atos narrativos. Em prol disso, em coro à Mombaça (2021) e a Vergueiro (2015), desmantelo a (cis)colonialidade que, à luz de uma sutil presunção de imparcialidade, regula e hierarquiza tudo que é diferença de corpo, de gênero e de sexualidade mobilizada entre pessoas. Nas próximas seções, para tanto, atendo-me à especificidade crítica de problematizar o que o ato narrativo, que é sempre político, social, relacional, intencional, ideológico, interlocutório e performativo, realiza à medida que estamos em companhia de outras pessoas para a devida construção científica.

Tendo por precaução a perspectiva performativa do pesquisar com gente, que me faz ter em mente as condições enunciativas, situadas e corporificadas da linguagem, as reflexões que aqui teço devem estar sempre articuladas a seus contextos de produção e não se apartar das

**O ATO NARRATIVO EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO
LINGUÍSTICA COM CORPOS DISSIDENTES:
de performa(dor) a performativo
Hélvio Frank**

pessoas que geraram e viveram o evento narrativo. Logo, meu propósito político de oferecer um manual metodológico não existe, por não ter condições de atribuir a outras subjetividades, diferenças e corpos pesquisados o mesmo modelo apresentado. Ao mesmo tempo, as reflexões aqui presentes também não impedem de provocar no alheio a sensibilidade corpórea necessária à condução de outras pesquisas de educação linguística envolvendo narrativas da diferença em seus respectivos contextos.

O intuito geral é inculcar a mobilização de epistemes outras, estrategicamente políticas, a partir daquilo que tenho construído em minha área de atuação, na tentativa de perturbar o que tradicional e convencionalmente se nomeou como ‘pesquisa correta’ sob princípios moderno-ocidentais. Para desaprendê-la, nas próximas linhas problematizo, ainda que incipientes, interfaces narrativas como ato performativo da pesquisa em educação linguística, confidenciando que parte desse diálogo é fruto de angústias coletivas situadas e compartilhadas com membros do Grupo de Estudos e Pesquisas “Diversidade em Âmbito Social” (DIVAS/CNPq) da Universidade Estadual de Goiás, do qual faço parte. Sendo assim, ecoo vozes plurais provenientes de estudos indisciplinados narrativos, somáticos e *queer* em Linguística Aplicada Crítica (Moita Lopes, 2021a, 2021b).

Narrar é ato perform(ativo) e performa(dor)

A característica performativa do ato narrativo reside especialmente em sua implicação direta com o que ele pode produzir e assumir no mundo social, a partir de sua realização, levando-se em conta o específico contexto em que a narrativa se insere. Isso acontece porque, ao narrar fatos, os contamos de uma perspectiva de alguém dizendo a outro, dotado de uma certa intencionalidade, orientado por um dado contexto, que, por sua vez, vai ser responsável por articular e (de)limitar as circunstâncias do contado, interferindo (in)diretamente nas realidades audientes com os efeitos de sentidos provocados.

Os anos de trabalho com narrativas de vida têm me levado a considerar mais o corpo que se engendra e informa a pesquisa. Assim, tenho valorizado mais a humanidade convocada para com ela se fazer pesquisa qualitativa. Isso se dá em observação a como certos dizeres afetam a mim, enquanto pesquisador, a quem se diz “pesquisado” e a outras pessoas envolvidas no processo e práxis narrativos. O ato narrativo, como salientei, é sempre performativo, porque, em termos de linguagem, precisamos considerar minimamente quem, para quem, onde e quando se conta algo, e a força ilocutória que se estabelece com isso. Se, ao narrar, algo está sendo realizado, é preciso sensibilidade analítica para se compreender o que se pretende fazer com aquilo que foi narrado.

**O ATO NARRATIVO EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO
LINGUÍSTICA COM CORPOS DISSIDENTES:
de performa(dor) a performativo
*Hélvio Frank***

A gramática do contar uma história não cumpre meramente uma descrição das coisas e dos fatos no mundo. Com efeito, há sempre uma intervenção no mundo toda vez que uma narrativa é proposta e desenvolvida. Existe, não raro, uma política de agir e de intervir socialmente sempre que nos dispomos a contar algo para uma audiência. Por isso, a interpretação desse algo exige dar conta da complexidade de todo o domínio e circunstância que ele ocupa na cena. Como destacamos em Frank, Ramos-Soares e Utim (no prelo), o ato de gerar narrativa em pesquisa de educação linguística com outras pessoas é sempre posicionado, enunciativo e, portanto, performador. A circunstância relacional do ato narrativo é condição plena de que a existência de algo forjado no contado conecta pessoas, ao mesmo tempo que as afeta.

Do ponto de vista corpolítico, a companhia é sempre intersubjetiva, porque não se narra sem interlocutor. Isso requer observar que a própria maneira de agir diante do ato narrativo seja cautelosa, sensível e acolhedora. Aliás, o próprio modo de perguntar ou de se posicionar perante uma narrativa interfere e influencia a dinâmica interlocutora de continuar e/ou mesmo de interromper o dizer. Para além disso, a intencionalidade com que vamos a campo traduz o próprio resultado de material gerado e, em muitos casos, não ultrapassa o fatídico “coletar” mesmo.

Em métodos convencionais, tradicionais, essas confusões ocorrem porque uma resposta só aparece por conta de uma pergunta feita, quase sempre previamente formulada, sem saber quem vamos encontrar no contexto e em que circunstâncias esse quem se encontrará para responder a tais questões. Antecipar à elaboração de uma pergunta pode soar criativo, perspicaz, mas o teor metodológico extrativista e colonial, sem dúvidas, reflete intromissão e intrusão em certas ocasiões. Por isso, ir com as perguntas já prontas não é uma garantia de encontrar a narrativa que ali habita e deseja ser contada com todos os requintes de informação que o narrador eventualmente venha a listar.

Além disso, temos de recuperar que o ranço positivista de pesquisa requer do pesquisador, de algum modo, o conforto da certeza. Assim, planejamentos, roteiros e cronogramas são mobilizados para fornecer segurança diante do imprevisível. Todavia, no ato narrativo de pesquisa com corpos – e não necessariamente apenas os dissidentes –, o imprevisível não é ameaça: é matéria de sentido. Habitar a instabilidade é um ato relevante, porque exige o oposto do que a tradição científica prega: não controlar o que seria uma espécie de interação, mas negociar e deixar-se conduzir por formas generosas de disputar sentidos. É reconhecer que o método não antecede a experiência, mas nasce dela, que as perguntas mudam de forma, que os dados se transformam em presença e que a coerência, quando aparece, é

**O ATO NARRATIVO EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO
LINGUÍSTICA COM CORPOS DISSIDENTES:
de performa(dor) a performativo
*Hélvio Frank***

sempre provisória. A instabilidade provocada pelo ato narrativo não é falta de rigor diante do método, mas a percepção de um rigor em contínuo movimento, um modo de pensar que se constrói no próprio ato de pesquisar com e contra o que emerge da narrativa.

Habitar a instabilidade é também aceitar o desconforto de pesquisadores não saberem como deverão se portar em circunstâncias de entrega narrativa, com vistas a gerar sentidos experienciais com outras pessoas. Corpos formados sob lógicas disciplinares foram ensinados a buscar precisão, resposta e controle da situação de investigação. No entanto, como afirma Carlos Silva-Mello (2025), é do corpo que partem as perguntas que propulsionam a inquisição narrativa. Em condições tais, as perguntas não se resolvem com as respostas. Em verdade, elas se expandem. Isso ocorre porque cada narrativa produz escapes, e é nesse escape que mora o saber. O conhecimento nunca é produto acabado, mas experiência em devir, atravessada de implicações, afetos, afetividades e acontecimentos (Deleuze; Guattari, 2011).

Há desaprendizagens narrativas que apenas a circunstância do imprevisto é capaz de nos oferecer. Às vezes, uma narrativa desloca o roteiro inteiro, um silêncio ou um gesto muda a direção da produção narrativa, uma ausência de narrador obriga a repensar o que poderemos encontrar em termos de “dado”. Nesses momentos, o método fracassa, e é justamente nesse aparente entrave que se reinventa a geração de narrativa, se nos permitirmos valorizá-la enquanto ato abundante. A instabilidade em circunstâncias de geração de narrativas é gesto de enfrentamento: confronta o desejo colonial de controle e abre espaço para o acaso, o incontrolável, o equívoco e o inesperado.

A instabilidade narrativa se manifesta de muitos modos durante os atos: nas ausências, nas mudanças de horário, nas risadas imprevistas, nas tensões que emergem sem aviso. Tudo isso é evento gerado em espaços relacionais e, portanto, narrativo. Considerar essas dinâmicas de produção narrativa é desmontar a fantasia da pesquisa como operação previsível. O campo nunca pode ser cenário, antes disso é um acontecimento, e quem pesquisa com narrativas precisa se manter em pleno movimento coletivo e sensível, abrindo-se para o imprevisto e para a aceitação do desconforto. Trata-se de uma prática de humildade intelectual e de desobediência afetiva da condição viva do pesquisar, sempre inacabada, vulnerável, provisória, pulsante.

Segundo Pierre (2017), é um prejuízo que nossas ontoepistemologias determinem as muitas questões que podemos perguntar, e acrescento essa indagação para a sensibilidade narrativa: e se não houvesse perguntas em atitudes narrativas? Isso se tornaria uma conversa ou uma entrevista? Em formato aberto, semiestruturado ou algo menos colonial? Mais ainda: será que, ao perguntar, estamos oferecendo a oportunidade de uma resposta ou estamos pensando na próxima pergunta a se fazer? Estamos, de fato, assimilando e nos conectando com o que é

**O ATO NARRATIVO EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO
LINGUÍSTICA COM CORPOS DISSIDENTES:
de performa(dor) a performativo
*Hélio Frank***

dito para alimentar a narrativa de vida ali presente? Essas perguntas são retóricas e merecem reflexão por parte de quem se propõe a agir narrativamente em pesquisa, especialmente quando estamos engolfados por uma lógica extrativista de ir “colher narrativas”, a partir de perguntas sobre o que já se prevê, antes mesmo de deixar fluir o momento do contar. Isso me faz pensar se realmente escutamos o que as pessoas têm a nos contar, para incentivar uma reflexão sobre a possibilidade de, mais do que conduzir uma narrativa e não uma entrevista aberta ou semiestruturada, mudanças. O ponto fulcral está em observar se não estamos indo com um interrogatório intacto, sem dedicar tempo e qualidade ao que vai ser compartilhado e gerado em negociação, no momento imediato de produção narrativa.

Conforme salientei, é comum que já tenhamos um roteiro narrativo a ser seguido, mas, ao contrário disso, o percurso da narrativa deveria dar vazão à forma de politicamente agirmos com os efeitos da linguagem, para construir outras e mais narrativas. Quantas vezes, em espaços narrativos, ao invés de olhar para o que as histórias contadas estão nos movendo, isto é, para os significados que estão emergindo e gritando por consideração, estamos querendo tomar conta do roteiro enquanto pesquisadores? Quantas vezes, durante a seleção das narrativas que vão para os textos finais de nossas pesquisas, optamos por articular uma teoria já convocada e reservada no tópico de fundamentação teórica que não dialoga com aqueles corpos narradores e vivências narradas, isto é, com o sentido narrativo captado?

Sem dúvidas, nosso envolvimento com a geração e com o resultado narrativo deveria fornecer o tom para as autorias informadas em nossos registros finais de pesquisa, e não o inverso. Isso seria a garantia de que as narrativas geradas com nossos participantes se tornariam a chave para reflexão teorizada em nossos registros de pesquisa. No entanto, ainda é comum não se atentar para o que a narrativa exigirá em termos de corpos a assumirem a discussão e os sentidos disputados em problematização. Geralmente fazemos o caminho contrário de fundamentar teoria e despejá-la sobre as narrativas, como se essas não fossem as próprias teorias produzidas em nossos estudos. Com isso, mantemos a obediência positivista de não nos interessarmos pelo que foi contado e pelo corpo situado que conta, uma vez que o que mais nos interessa é o que já foi previamente planejado na fundamentação – que tem a adjetivação de “teórica”.

Politicamente, o que endosso aqui equivale a mudanças na pesquisa de educação linguística envolvendo narrativas, e essa escolha é radical. Se o método colonial busca fixar, disciplinar e garantir autoridade, o ato narrativo performativo tem que optar por horizontalizar relações, desafixar, misturar, conviver, compartilhar e até mesmo contradizer teorias. A instabilidade no mover narrativo é o terreno comum onde se encontram pesquisador e

**O ATO NARRATIVO EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO
LINGUÍSTICA COM CORPOS DISSIDENTES:
de performa(dor) a performativo
*Hélvio Frank***

pesquisados; às vezes nem sempre em harmonia, mas profundamente humanos, com uma finalidade em comum: se abrirem corpoliticamente para uma conversa.

A instabilidade narrativa nos obriga ainda a pensar a pesquisa não como caminho seguro, mas como encruzilhadas que vão se abrindo, com muitos retornos e desvios. Em percursos assim, perder-se também é estar no caminho. Quando o desconforto narrativo de nossos textos finais nos convoca à revisão ou à procura por novas alianças corpolíticas, é sinal de que estamos fazendo diferente do que a tradicional e convencional pesquisa até então nos apresentou.

Por isso, à luz da consideração performativa na pesquisa, dimensões macro e microsociais precisam ser qualitativamente observadas e consideradas em análise do tempo e do espaço de quem narra e com quem se compartilha o narrado. Às vezes, nem sempre o que se conta é destinado ao pesquisador. O conteúdo narrativo tem implicatura conversacional e efeitos perlocucionários para além do interlocutor pesquisador, uma vez considerados os efeitos de sentido do narrado, de acordo com respectivos contextos e propósitos delineados em pesquisa. Ter em mente tudo isso pode garantir um procedimento de análise mais correspondentemente compartilhado.

Assim sendo, em coro a Pierre (2017), guiar-se pelo método não é o melhor caminho. O método não existe antes de se ter uma narrativa já gerada. Pelo contrário, método é sempre aquilo que terá sido incorporado narrativamente, cuja existência somente acontece ao final de tudo, chegando tarde demais para nos socorrer metodologicamente.

De igual modo, fazer pesquisas narrativas com pessoas requer desconsiderar a noção positivista de objeto de pesquisa e de todos os paradigmas que a arranjaram até hoje. Pessoas são, no mínimo, agentes colaboradas da pesquisa, corpos sentidos. Assim sendo, as próprias palavras que mobilizam – desde as contadas pelo pesquisado no ato narrativo ou pelo pesquisador no ato de (re)escrita da pesquisa – endossam a corpolítica e a práxis que se encontram na composição dos textos. Mudar as pessoas implica mudar contextos e o que encontraremos também.

Não obstante, é preciso promover as narrativas, deixando que elas fluam sem medo de se perder mediante o contar. É preciso que pessoas contem suas histórias sem interrupção, deixando para depois o discernimento e a criticidade sobre as escolhas do que se traz à elucidação. O fato é que assumir a instabilidade narrativa é também assumir a vulnerabilidade enquanto pesquisador. É admitir que nossas análises não cabem inteiras nos referenciais que escolhemos, que as praxiologias convocadas nem sempre podem ser contempladas nas narrativas que geramos com pessoas outras. Assim, promover narrativa em pesquisa é um

**O ATO NARRATIVO EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO
LINGUÍSTICA COM CORPOS DISSIDENTES:
de performa(dor) a performativo
*Hélvio Frank***

eterno arriscar-se, com a convicção de que o rigor pode vir da escuta, da pausa, da dúvida, e nunca da certeza.

Diante disso, é inevitável não voltar a falar do entrecruzamento narrativo, isto é, das narrativas que endossamos em composição com aquelas que geramos com outras pessoas e trazemos para nossos registros finais de pesquisa. Boa parte das referências e citações autorais convocadas e incorporadas em nossa narrativa científica corresponde ao clássico e ao cânone, geralmente europeu e imperialista, des-situado geográfica e historicamente, isto é, descorporificado. São pessoas de um outro tempo e de um outro lugar que validam o que estamos construindo hoje, com outras pessoas, em outro contexto. A convocação teórica tende a negar, com isso, aquilo que deveria estar localizado, com as devidas idiossincrasias, e isso é feito em prol de algo que cumpre o rigor clássico, mas que não se satisfaz narrativamente por soar generalizante e por não considerar características contextuais do aspecto narrativo travado em diálogo.

Ao trabalhar com narrativas, não podemos nos esquecer de que o conhecimento produzido por corpos afetados não nasce em torres de marfim, mas em chão vivo, situado, relacional. Como lembra Moita Lopes (2021a), o saber em Linguística Aplicada Crítica é sempre “com gente, sobre gente e para gente”. Para isso se valer, o corpo que pesquisa precisa tentar minimizar ou desmanchar as assimetrias que envolvem pesquisador e pesquisado, deixando o papel hierárquico de verificador e compreendendo-se em exposição mútua durante o que está sendo contado. Isso é uma relevante aspiração, uma vez que o pesquisador deve ser considerado como um corpo que também se transforma e que se deixa afetar pelo que narrativamente ouve e recebe. Esse tipo de sensibilidade é também uma perspicácia na pesquisa com atos narrativos entre pessoas; é ele que pode dar o tom que se deseja ao enfoque narrado.

Por todas essas razões, a curiosidade por narrativas tem me fornecido mais valor ao que é dito por um corpo situado na própria experiência histórica do contar, observando interditos que eventualmente podem acionar pertencimentos e resistências. Valorizar o que é contado, especialmente quando se trata de narrativas dissidentes de gênero e sexualidade, por exemplo, pode incorrer no que pesquisadores narrativos e narradores geralmente sentem: o sofrimento performativo de doer ainda mais ao trazer à tona a dor socialmente sentida.

Todavia, não podemos negar que, à medida que contamos nossas experiências inconformes e dissidentes a um mundo guiado por uma razão cisheterossexual, apareça sempre o sofrimento proveniente desses textos performa(dores). Anzaldúa (2000) já nos antecipava que dizer dói e que falar da dor que um corpo sente, ao mesmo tempo, pode se configurar em

**O ATO NARRATIVO EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO
LINGUÍSTICA COM CORPOS DISSIDENTES:
de performa(dor) a performativo
*Hélvio Frank***

processos narrativos de cura. Essa compreensão se ancora na garantia de que falar e ouvir são também processos terapêuticos em estudos narrativos que visam à educação linguística.

Ao recontar o vivido, pode haver momento de se machucar e, igualmente, de se sarar pelas próprias incursões do ato de narrar. Isso significa que, na condição de pesquisadores que lidam com narrativas, o próprio ato de dizer é uma oportunidade de, mais do que promover narrativas inconformadas, silenciadas e oprimidas, se converter em momentos terapêuticos – coletivos e individuais – de emancipação e de percepção mútua de si mesmo(s). Por isso, acredito que a narrativa seja uma potência científica nessa direção.

Talvez, a certeza que podemos ter é que trabalhar com narrativas é sempre uma incerteza, e isso pode ser muito produtivo em educação linguística. É impossível não encontrarmos nada, dentro dos nossos propósitos e parâmetros prévios, quando nos propomos a gerar narrativas, e com isso nos enveredarmos pelas incertezas narrativamente provocadas. Se optarmos por sentir, deixar fluir o contar e interpretar as narrativas, no mínimo conseguiremos enxergar o efeito perlocucionário de resistências e reexistências se emergindo no ato. Isso ocorre, como nos mostram Frank, Ramos-Soares e Utim (no prelo), porque o corpo, tocado pelas circunstâncias, decide sentir, e, ao sentir, devolve (a)o mundo a potência de reexistir.

Em face disso, outro aspecto narrativo relevante refere-se à consideração sobre o repertório linguístico que se utiliza para textualmente contar. Nessas horas, a mobilização lexical de quem diz precisa ser considerada, porque nela há a subjetividade corporificada e que se materializa no dizer. Contar, nessas proporções, sempre será ato performativo que constrói a realidade de quem diz, aponta para produção de identidades e, ao mesmo tempo, constitui a subjetividade que diz. Por isso, pesquisadores que lidam com narrativas precisam investir na contemplação da identidade dos narradores no texto final de pesquisa, com o máximo de qualidade dos usos linguísticos a se apresentarem, tendo em vista o objetivo do que foi pesquisado. Os corpos de nossas pesquisas, marcados pela diferença de gênero, por exemplo, devem ser contemplados em pronominalizações correspondentes, porque a ontologia nos fornece, junto com a discursividade, o caráter contextual, situado e qualitativo de quem diz o que diz.

Nesse sentido, considerar o vocabulário empregado pelo narrador é considerar eticamente o seu lugar epistêmico. Considerar o lugar epistêmico rompe com o mito do conhecimento científico neutro, descorporificado, objetivo e universal, construído na premissa do desvinculamento do sujeito que fala e o conhecimento produzido (Grosfoguel, 2009). Para Menezes de Souza (2019), isso ajuda a trazer o corpo (ontologia) para o domínio do saber

(epistemologia), evidenciando que o ato narrativo possui característica social, ideológica, geográfica etc.

Palavras inconclusas

Um aspecto crítico ao se implementar qualquer atitude acadêmica que desafie a pesquisa ocidental consiste na certeza de que, ao abalarmos práxis hegemônicas vigentes, seremos desafiados a fundamentar que aquilo que propomos mereça lugar onde já havia nomeação. Todavia, minha façanha aqui foi unicamente desmontar o silenciamento e torcer a anulação histórica de ações narrativas como opção-outra em pesquisas de educação linguística. Estou ciente de que pluralizar a noção de conhecimento e reconhecer perspectivas que escapam aos padrões do que é considerado conhecimento – e do que ainda é exigido na universidade – implica apartar a experiência de conhecer das noções de eficiência e produtividade. Não se trata de conhecer bem ou de conhecer muito, de acordo com modelos dados, mas, sim, de compreender a narrativa a partir da singularidade dos corpos e de seus modos de existência.

Embora nem sempre seja possível a perspectiva que aqui proponho, porque depende de inúmeras circunstâncias, de estratégias adotadas e de mudança paradigmática já muito bem denunciadas em diversos trabalhos (Clandinin; Connelly, 2011; Moita Lopes, 2021b), entendo o fazer narrativo como urgente, se quisermos humanizar a educação linguística que fazemos na universidade, especialmente em se tratando do exercício de se pesquisar com diferentes corpos, sexualidades, gêneros, práticas e culturas. Para Almeida e Sabota (no prelo), pesquisar é sempre corporificar o sentido. Ou seja, não há texto sem corpo, nem método sem memória. Em acréscimo aos autores, tudo é narrativo.

O corpo é o primeiro arquivo da narrativa, o território por onde se inscrevem afetos, feridas, memórias e desejos. Cada narrativa é pensamento encarnado, cada ato de contar é uma contaminação e uma coconstrução em movimento. Ao trazer intencionalmente o corpo para o trabalho com narrativas, é possível recuperar o direito de (re)contar cicatrizes, sem o ar de neutralidade. Com isso, a vida que se narra se transforma em análise, em plena revisitação do contar, com interpretações que nascem de afetos e de escutas-dores. O rigor não está na estrutura rígida de um fazer, mas na coerência ética maleável entre contextos que se narram e se unem a um propósito político da pesquisa. Todavia, isso acontece apenas quando a narrativa deixa de ser esquema e se torna corpórea e pulsante.

**O ATO NARRATIVO EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO
LINGUÍSTICA COM CORPOS DISSIDENTES:
de performa(dor) a performativo
Hélvio Frank**

Referências

- ALMEIDA, Ricardo Régis de.; SABOTA, Barbra. Do corpus ao corpo. *In*: SILVESTRE, Viviane Pires Viana; PESSOA, Rosane Rocha (org). **Pesquisa enredada em Educação Linguística Crítica**. No prelo.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry**: experience and story in qualitative research. Translation: Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- DAMASCENO, Jonatan; FRANK, Hélvio. 'A mulherzinha vai escrever': autoetnografia corpórea de uma masculinidade transviada na escola. **Revista Diversidade e Educação**, v. 13, n. 2, p. 823-847, 2025.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FRANK, Hélvio; RAMOS-SOARES, Wilker; UTIM, Matheus. Afetada, sim! Pesquisa enredada com corpos, performatividades dissidentes e outras coisas do gênero. *In*: SILVESTRE, Viviane Pires Viana; PESSOA, Rosane Rocha (org). **Pesquisa enredada em Educação Linguística Crítica**. No prelo.
- GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 383-418.
- MELLO, Dilma Maria; FERNANDES, Gilmar. M. F.; SOUZA, Valeska V. S.; BENZEGEN, Viviane C. (org.). **Pesquisa narrativa**: a experiência de tornar-se um/a pesquisador/a narrativo/a. 1. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2024.
- MENEZES DE SOUZA, Lynn Mário Trindade. Educação linguística: repensando os conceitos de língua e linguagem. *In*: FERRAZ, Daniel Mello; KAWACHI-FURLAN, Claudia Jotto. **Bate-papo com educadores linguísticos**: letramentos, formação docente e criticidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 245-258.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Estudos queer em Linguística Aplicada Indisciplinar**. Gênero, sexualidade, raça e classe social. São Paulo: Parábola, 2021a.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Os espaçotempos da narrativa como construto teórico-metodológico na investigação em Linguística Aplicada. **Caderno de Letras**, v. 40, p. 11-33, 2021b.
- MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MURPHY, M. Shaun; ROMERO, Tania; BENGZEN, Viviane. **O potencial das narrativas para a formação de professores**. São Paulo: Mercado de Letras, 2024.
- SABOTA, Barbra.; FRANK, Hélvio. Language education as a locus of struggle, support, and respect: decolonial praxiologies from the goiano cerrado. **Revista Educação em Questão**, v. 62, p. 1-23, 2024.
- SILVA, Renan Nogueira da; FRANK, Hélvio. Onde estão as pessoas trans? Narrativas sobre corporalidades dissidentes em espaço escolar. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, p. 166-188, 2020.

**O ATO NARRATIVO EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO
LINGUÍSTICA COM CORPOS DISSIDENTES:
de performa(dor) a performativo
Hélvio Frank**

SILVA-MELLO, Carlos Matheus da. **Letramento racial crítico e a interrupção de silêncios na formação de professoras/es de línguas: o que se esconde quando falo de raça?** 2025. 120 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2025.

St PIERRE, Elizabeth Adams. Post qualitative inquiry: the next generation. *In: DENZIN, Norman. K.; , GIARDINA, Michael D. (eds.). **Qualitative inquiry in neoliberal times**. New York: Routledge, 2017. p. 37-47.*

TAVARES, Liliane; FRANK, Hélvio. Narrativas de um docente universitário sobre existir e sentir-se negro em sociedade. *In: PEREIRA, Marília Silva Vieira; FAGUNDES, Roger Teles; FERREIRA, Vanderson Gonçalves. (org.). **Lingua(gem) e interculturalidade: teoria e prática**. 1ed.São Paulo: Todas as Musas, 2024, v. 1, p. 63-80.*

UTIM, Matheus Augusto; FRANK, Hélvio; CAPPARELLI, Camila dos Passos Araújo. Revisitando (nossas) trajetórias em Linguística Aplicada Crítica. **REVELLI**, v. 15, p. 1-20, 2023.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.